

REVISTA PORTUGUESA de HISTÓRIA

tomo XXXIII

Portugal e Brasil
Rotas de Culturas
Volume II



COIMBRA 1999
FACULDADE de LETRAS
da UNIVERSIDADE de COIMBRA
INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL

RECENSÃO

Cláudia Castelo - “*O modo português de estar no mundo O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*”, Lisboa, Edições Afrontamento, 1998, 166 pp.

Muitos autores têm defendido a tese da singularidade dos portugueses no seu relacionamento com outros povos e raças. É a teoria do particular «modo português de estar no mundo». Entre muitos outros que se ocuparam da análise e aprofundamento desta ideia, destacamos os nomes de Jaime Cortesão, Gilberto Freyre, Jorge Dias, Orlando Ribeiro e Adriano Moreira. Mas aquele que mais longe levou a sua análise sobre «o mundo que o português criou» foi, sem dúvida, Gilberto Freyre, culminando com a criação do conceito de *luso-tropicalismo* e da ciência a que ousou chamar *luso-tropicologia*. Claro que não faltaram os críticos desta doutrina, entre os quais podemos destacar Mário Pinto de Andrade e Charles Ralph Boxer.

Segundo Gilberto Freyre, sendo o povo português o resultado biológico do caldeamento social de iberos e de celtas, de lusos e de romanos, de suevos e de germanos, de godos e de árabes, entre outros, ter-se-á revelado mais predisposto a relacionar-se e a cruzar-se geneticamente com os outros povos, particularmente com os indígenas dos espaços objecto de colonização lusa nos trópicos.

Na pegada de Gilberto Freyre, de Jorge Dias e do indiano Panikkar, Jaime Cortesão (que estranhamente a autora não refere) opõe ao *etnocentrismo* dos restantes povos europeus o *crisocentrismo* português (matizado pelo franciscanismo), caracterizado pelo seu sincretismo cultural, pelo seu humanismo universalista e pelo seu espírito de missão, de fraternidade e de tolerância étnica.

A reforçar as teorias do *humanismo universalista* e do *crisocentrismo* português de Jaime Cortesão e do *lusotropicalismo* de Gilberto Freyre está o facto de, nos actuais países do Novo Mundo que foram objecto de colonização de povos do norte europeu (ingleses, franceses e holandeses), nomeadamente nos Estados Unidos, continuarem a existir “colónias” de negros, sujeitos a formas de segregação racial. Contrariamente a essas sociedades fechadas, os portugueses criaram nos trópicos, particularmente no Brasil e em Cabo Verde, sociedades abertas, propiciadoras de uma verdadeira e efectiva fusão de raças.

O português foi, na opinião de Gilberto Freyre, o europeu que melhor confraternizou com as outras raças nos trópicos e menos cruel se revelou nas suas relações com os escravos. É certo que a falta de mulheres brancas pode explicar a atitude voluptuosa dos portugueses no contacto com a mulher exótica, traduzida num intenso cruzamento de raças e, conseqüentemente, numa forte miscigenação, tendência que parece advir da plasticidade social, maior no português que em qualquer outro colonizador europeu. Poderá argumentar-se que a falta de mulheres brancas levou os colonos portugueses a unirem-se a negras na África e a negras e a índias no Brasil. Mas isso não explica tudo. Os restantes colonizadores europeus também se depararam com idêntica escassez de mulheres brancas e, no entanto, não se cruzaram, como o português, de forma despreconceituosa com a mulher exótica.

A «civilização lusotropical» é, portanto, uma questão mental e comportamental, ou melhor, é uma questão cultural. Os portugueses

O modo português de estar no mundo

revelaram, de facto, uma apetência muito especial para se fixarem nos trópicos. Não terá sido por acaso que não se interessaram pela colonização da Terra Nova, da Terra do Labrador, da Groenlândia ou da África do Sul, onde, aliás, foram os primeiros europeus a chegar.

Mas deixemos as nossas considerações sobre «o modo português de estar no mundo» e sobre o *luso-tropicalismo* e passemos a examinar a obra em epígrafe, de Cláudia Castelo, na qual a sua autora avança importantes reflexões sobre esta temática.

Trata-se de uma obra bem estruturada e bem escrita, em linguagem clara e rigorosa. Como é dito na introdução, «o objecto deste estudo é, por um lado, analisar como evoluiu a recepção portuguesa à obra e à teoria gilbertiana; e, por outro lado, perceber como é que o luso-tropicalismo foi reproduzido e *recriado* em Portugal».

O processo de gestação da ideia e de criação do termo correcto para a definir captam-se perfeitamente pela leitura atenta da obra de Gilberto Freyre. Esboçada a ideia em *Casa grande e senzala* (1933) e em *O mundo que o português criou* (1940), o “eureka” do vocábulo adequado para a definir ocorreu-lhe durante uma viagem de estudo que, a convite do governo de Lisboa, realizou a Portugal e ao Ultramar Português, em 1951.

É ainda no contexto dessa viagem que Gilberto Freyre usa pela primeira vez o termo luso-tropicalismo, ao pronunciar duas conferências com o objectivo de explicitar o seu conceito: uma, no Instituto Vasco da Gama, em Goa, em Novembro de 1951, significativamente intitulada *Uma cultura moderna: a luso-tropical*; outra, *Em torno de um conceito de tropicalismo*, pronunciada na Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra, em 24 de Janeiro de 1952. Os textos destas duas conferências serão depois reunidos pelo autor no livro *Um brasileiro em terras portuguesas* (1953), em cujo prefácio faz uma tentativa de sistematização da doutrina e do correspondente conceito por si criado. O autor fará

ainda o aprofundamento da sua teoria nas obras *Integração portuguesa nos trópicos* (1958) e *O luso e o trópico* (1961). Ora, através de uma cuidadosa “arqueologia” da obra de Gilberto Freyre, Cláudia Castelo faz, no primeiro capítulo do livro, uma apertada e rigorosa «análise da génese e da estruturação da teoria do luso-tropicalismo”.

No segundo capítulo, são-nos apresentadas, em traços largos, «as tendências da política colonial do Estado Novo, como forma de contextualizar os tempos e os modos da recepção do luso-tropicalismo em Portugal», assunto este que, como já se disse, constitui o objectivo central da obra em análise.

O último capítulo mostra-nos como é que alguns pensadores abordaram os aspectos centrais do luso-tropicalismo. A inclusão de breves notícias biográficas dos «autores portugueses que se referiram à obra ou à doutrina de Gilberto Freyre ou que o conheceram pessoalmente» ajuda-nos a compreender melhor as opiniões desses autores, expandidas no decurso do texto, bem como a rede de sociabilidades do insigne sociólogo brasileiro.

Em conclusão, a leitura deste livro é útil, quer aos que conhecem a obra de Gilberto Freyre, quer aos que a desconhecem: os que a conhecem podem colher nela novos instrumentos de análise que lhes possibilitarão novas interpretações; os que a desconhecem, munidos já dessas ferramentas, poderão partir para a sua leitura com um quadro mental mais apetrechado. Em suma: estamos perante uma obra de inegável mérito, que se lê com gosto e com proveito.